

BOLETIM n.º 69 — 2ª Série

JANEIRO de 2021

Sítio da APLG: <https://aplg36.wixsite.com/aplgpt>

e-mail da APLG: aplg.direccao@sapo.pt

e-mail do Centro de Formação da APLG: aplgclassicas@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/APLG.pt/>

Apartado 4099 — 3030 - 999 Coimbra

Caros Colegas,

Eis-nos chegados a 2021! 2020 foi um ano diferente em muitos aspetos e, como não poderia deixar de ser, foi-o na Educação e na Cultura.

Quanto à Educação, foi o regresso ou o ingresso de muitos alunos às escolas e aos estabelecimentos escolares, não obstante o ensino não presencial, devido às circunstâncias pandémicas. Sobre esta temática, tanto que se ‘falou’ e há para ‘falar’. Porém, não é esse o propósito deste texto, como constatarão mais adiante.

A nível da Cultura, houve uma polémica que transbordou na imprensa e nas redes sociais: o cânone (literário). Muitos se questionaram, mais uma vez, de qual deve ser o verdadeiro cânone. Tal reacendimento foi trazido, em outubro de 2020, pela publicação de *O Cânone*, com edição de António M. Feijó, João R. Figueiredo e Miguel Tamen (2020). Escolhas, quiçá polémicas, fazem com que farpas tenham sido lançadas em distintos níveis de língua. Todavia o mais importante foi ter sido reacendida a temática em torno de literatura, leitura, escrita, autor e demais elementos relacionados. Ora, essa publicação fez-nos recordar *O Cânone Ocidental*¹, de Harold Bloom (1997), livro que distingue os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos a partir de vinte e seis escritores, que se tornaram autoridades. Bloom, à data da primeira publicação, professor de literatura na Universidade de Yale, entendeu ser necessário assumir-se contra o “mundo instruído”² em que os estudos literários eram ameaçados por “uma pura anarquia” prestes a ficar à solta. Referia-se ao contexto específico da vida cultural americana, com o seu agente principal na(s) universidade(s), os intelectuais dominados pelo “Politicamente Correto”, os “Roedores académicos” (*academic lemmings off the cliffs*).

¹ Usámos a tradução portuguesa de Manuel Frias Martins, 6.ª edição, 2020.

² Bloom 2020: 10.

Sempre arrojado e sem receio de criar antipatias literárias, afirma, de forma muito convicta, o seguinte:

“Ler ao serviço de qualquer ideologia não é, em minha opinião, ler. A receção do poder estético torna-nos capazes de aprender a falar com nós mesmos e a nos suportarmos a nós mesmos. O uso autêntico que devemos fazer de Shakespear ou de Cervantes, de Homero ou de Dante, de Chaucer ou de Rabelais, é aquele que leva a expandir o eu mais interior de cada um. Ler o Cânone em profundidade não fará de alguém uma pessoa melhor ou pior, um cidadão mais útil ou mais nocivo. O diálogo que a mente mantém consigo mesma não essencialmente uma realidade social. Tudo aquilo que o Cânone Ocidental pode trazer a alguém é a própria solidão desse alguém, aquela solidão cuja forma final é o confronto de cada um com a sua própria mortalidade.”³

Interessante e verdadeira a sua ideia de que se possuímos o Cânone é porque somos mortais, e também porque chegámos razoavelmente tarde (referindo-se ao séc. XX). Chega até a deixar a “prova real” para o leitor: “Continua terrivelmente válido um antigo teste para encontrar o canónico: se a obra não pede releitura, então ela não possui os requisitos necessários.”⁴ E é nesse jogo de referências intertextuais que encontramos os nossos autores clássicos: Homero, Hesíodo, Píndaro, Sófocles, Aristófanes, Platão, Aristóteles, Lucrecio, Virgílio, Horácio, Ovídio e Plutarco. Já no apêndice dedicado à Idade Teocrática, realça que não se encontram ali muitas das obras de grande valor pertencentes às literaturas grega e latina, justificando que “é pouco provável que o leitor comum tenha tempo para as ler”⁵. Da sua eleição, elenca autores e algumas das suas obras (que prescindo de enumerar a fim de vos seduzir para a (re)leitura deste Cânone de Bloom. No que diz respeito aos autores, segue-se a enumeração: os Gregos Antigos (Homero, Hesíodo, Arquíloco, Safo, Alcman; Píndaro, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Aristófanes, Heródoto, Tucídides, os Pré-Socráticos: Heraclito e Empedócles, Platão e Aristóteles), os Gregos do Período Helenista (Menandro, Longino, Calímaco, Teócrito, Plutarco, Esopo, Luciano), os Romanos (Plauto, Terêncio, Lucrecio, Cícero, Horácio, Pérsio, Catulo, Virgílio, Lucano, Ovídio, Juvenal, Marcial, Séneca, Petrónio, Apuleio), a Idade Média (Santo Agostinho).

Desengane-se o leitor se julga que os “aconselhamentos” de leitura ficam só por este editorial. Num tempo de dicotomias assaz marcantes (certeza/incerteza, proximidade/distância, amor/desamor, saúde/doença), a leitura é uma excelente parceira qualquer que seja o suporte escolhido! Dir-me-ão que estas dicotomias são de todos os tempos! Claro! São-no, com certeza! Mas este é o nosso tempo!

Que, em 2021, continuemos esperançosos na Educação e na Vida, capazes de revisitarmos as origens clássicas, lendo e relendo!

A Presidente da APLG
Célia Mafalda Oliveira

³ Bloom 2020: 43.

⁴ Bloom 2020: 43.

⁵ Bloom 2020: 517.

Mestres

Os sábios gregos, mestres de todos os tempos

Podem passar os anos e os séculos, pode muito evoluir a ciência e a técnica, podem transfigurar-se os povos e as sociedades com eles, o HUMANO, no entanto, continuará intocável na sua essência, inviolável na sua força, porque o seu espírito, aquilo que o faz Homem, é imutável na sua especificidade mais intrínseca, o mais íntimo de si atravessa os tempos e os lugares. São emoções, sentimentos, valores inerentes à formação do SER que não se restringem a tempos ou espaços, que são comuns, intemporais, eternos. E são esses valores que persistem, que devem ser defendidos, seja qual for a situação, a época, a sociedade em que nos encontremos. É o Belo e o Bom.

Essa é mais uma razão que nos mostra como a antiguidade grega e romana é inesgotável na sua sabedoria, como os seus ensinamentos são um manancial onde encontramos a todo o momento o princípio de tudo aquilo que somos, de tudo o que defendemos e que devemos preservar. A leitura e releitura dos textos clássicos mostra-nos, a todo o momento, a pequenez da nossa condição nesta avançada sociedade do século XXI, prova-nos como, no essencial, continuamos os mesmos ao longo dos séculos e como, em alguns aspectos, não progredimos quase nada.

Vem a este propósito recordar as Máximas de Delfos e toda a sabedoria que delas emana. Segundo a tradição grega, referida em muitos autores, no templo de Apolo, em Delfos, estariam gravadas para que todos pudessem ler, uma série de frases que constituíam o oráculo do deus, conselhos a todos os que ali vinham pedir a sua palavra inspiradora, a sua resposta às dúvidas no caminho a seguir. Acreditavam, em princípio, que aquelas palavras provinham do oráculo, eram o aviso, a recomendação de Apolo. Mais tarde, essas máximas foram atribuídas a sete sábios gregos que ali quiserem deixar preservada a sua sabedoria. O nome desses sete sábios varia um pouco, de autor para autor, mas Platão diz-nos:

“Muitos entenderam, hoje como outrora, que ser como os Lacónios consistia muito mais em interessar-se pela filosofia do que pela ginástica, sabendo que ser capaz de proferir tais palavras é próprio de um homem perfeitamente educado. Entre esses contavam Tales de Mileto, Pítaco de Mitilene, Bias de Priene, o nosso Sólon, Cleobulo de Lindos, Míson de Queneia e, mais ainda um sétimo, Quílon de Lacedemónia. Estes eram todos émulos, admiradores e discípulos da educação lacedemónia. E bem se pode compreender que a sua sabedoria era dessa qualidade, pelas palavras concisas e memoráveis que cada um proferiu. Foram eles que, numa reunião no templo de Delfos, dedicaram a Apolo as primícias da sua sabedoria, inscrevendo aquelas sentenças que toda a gente celebra “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em excesso”.

Porque é que digo isto? Porque era este o carácter da antiga filosofia, uma espécie de concisão lacónica. E os sábios louvavam também uma sentença muito divulgada, exclusiva de Pítaco: “É difícil ser bom.” (Platão, *Protágoras*, 342 e 343 — in M.H. da Rocha Pereira, *Hélade – Antologia da Cultura Grega*)

Eram frases de conceitos morais, uma série de preceitos de vida, que, na sua concisão, incutiam no homem valores a respeitar, normas a seguir, ensinamentos.

Essas normas eram de tal modo importantes que noutros locais do mundo grego foram encontradas inscrições que se apresentavam como uma cópia das máximas de Delfos. Essa é uma das provas que chegaram até nós, pois das inscrições em Delfos nada foi encontrado. Dos preceitos mais repetidos, destacam-se dois, os mais repetidos:

- γνῶθι σαυτόν : conhece-te a ti mesmo
- μηδὲν ἄγαν : nada em excesso

Foi o compilador João de Estobeu que, no século V d.C., coligiu grande quantidade de fragmentos de autores gregos e permitiu que muitos deles chegassem até nós. É na sua antologia que encontramos, também, nada menos que 147 sentenças ou aforismos que estariam gravados no templo de Apolo em Delfos. São frases simples, normalmente apenas duas palavras (uma forma verbal no modo imperativo seguida de um substantivo ou de um advérbio), que se referem a valores como o carácter ou a amizade, a justiça ou a sabedoria, a honra e a dignidade.

Alguns exemplos:

- θυμοῦ κράτει : domina a tua ira
- εὐγένειαν ἄσκει : exercita a nobreza de sentimentos
- εὐεργεσίας τίμα : honra as boas acções
- ὁμόνοιαν δίωκε : procura a concórdia
- γονεῖς αἰδοῦ : respeita os pais
- φίλους βοήθει : ajuda os amigos
- σοφίαν ζήτηι : busca a sabedoria
- φόνου ἀπέχου : não sejas causa de morte
- μανθάνων μη κάμνε : não te canses de aprender
- φιλίαν ἀγάπα : ama a sabedoria
- πρεσβύτερον αἰδοῦ : respeita os mais velhos
- ὕβριν μίσει : odeia a arrogância
- πλούτει δικαίως : enriquece de forma honrada

Que mais queremos para o nosso tempo? Eis aqui o essencial dos valores a preservar, tudo o que, neste século em que vivemos, continua a ser válido e que, muitas vezes, vemos desprezado.

Aprendamos com os Gregos da Antiguidade! Eles serão sempre os nossos Mestres.

Isaltina Martins⁶ (Dezembro de 2020)

⁶ A autora não usa o AO90.

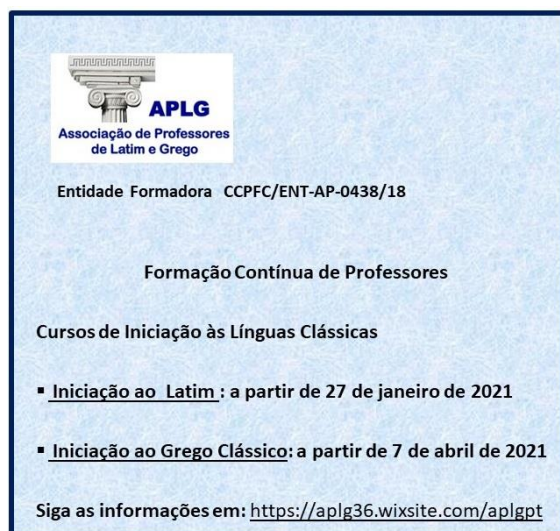
FORMAÇÃO

O Centro de Formação da APLG (Entidade Formadora CCPFC/ENT-AP-0438/18) continua a encetar iniciativas que promovem a ligação intrínseca entre a a Cultura, Língua e Literatura Portuguesas e a Cultura e as Línguas Clássicas. Embora a pandemia tenha provocado, numa primeira fase, o adiamento de várias formações/eventos, no ano letivo de 2020-2021, foi já concluída mais uma edição do Curso de Formação *Iniciação ao Grego Clássico*, que decorreu de 7 de outubro a 4 de dezembro de 2020, na Escola Secundária Infanta D. Maria, em Coimbra.

O Curso, acreditada pelo CCPFC/ACC com o n.º 102199/19, dinamizado pela formadora Isaltina Martins, na modalidade de Curso de Formação, tinha como destinatários professores dos Grupos de Recrutamento 200, 210, 220, 300, 310 e 320, sendo constituído por 30 horas (21 presenciais e 9 não presenciais destinadas a trabalho individual orientado).

Tendo como formadora a Diretora do Centro, docente de Grego durante vários anos, cujo entusiasmo pelas Línguas Clássicas perpassa a quem ensina, a cativação dos formandos à língua de Homero estava garantida. E assim aconteceu, não tendo sequer faltado textos e exercícios em Grego moderno!

Próximas atividades:



Logo da APLG (Associação de Professores de Latim e Grego) e Entidade Formadora CCPFC/ENT-AP-0438/18.

Formação Contínua de Professores

Cursos de Iniciação às Línguas Clássicas

- **Iniciação ao Latim** : a partir de 27 de janeiro de 2021
- **Iniciação ao Grego Clássico**: a partir de 7 de abril de 2021

Siga as informações em: <https://aplg36.wixsite.com/aplgpt>



Logo da APLG (Associação de Professores de Latim e Grego) e Entidade Formadora CCPFC/ENT-AP-0438/18.

AÇÃO DE FORMAÇÃO

Iniciação ao Latim (nível 1)

Curso de 25 horas presenciais

Aprovado pelo CCFPC para os grupos disciplinares: 200, 210, 220, 300, 320, 330, 350, 400, 410

Data de início: 27 de Janeiro de 2021

Informações em:
<https://aplg36.wixsite.com/aplgpt>

Durante o ano letivo, será feita a divulgação de outros momentos formativos.

LEITURAS A NÃO PERDER

Irene Vallejo Moreu, mais conhecida como Irene Vallejo, é a escritora apaixonada pela Antiguidade Clássica, os seus autores e os seus mitos, de quem muito temos ouvido falar. Nascida em Saragoça em 1979, cedo contactou com Homero através das histórias que o seu pai lhe contava. Estudou Filologia Clássica, doutorando-se nas universidades de Saragoça e Florença. Apaixonada por mitologia grecoromana, é considerada também enamorada por Marcial e outros escritores, e aquela que estabelece pontes entre esse mundo e aquele em que vivemos.



(<https://bit.ly/3b64p0n>)

Alia a escrita à palestra e à promoção da educação e do conhecimento, sendo também colunista nos jornais *El País* e *Heraldo de Aragón*. Considerando-nos como seres entrelaçados com histórias, bordados com fios de vozes, de história, de filosofia, de ciência, de leis e de mitos, defende este ponto de vista em *Manifiesto por la Lectura* (2020), obra enaltecadora do poder cuidador e salvador da leitura.

Da sua obra, destacam-se as novelas *La Luz Sepultada* (2011) e *El Silbido del Arquero* (2015), a antologia de alguns dos seus periódios *Alguien Habló de Nosotros* (2017) e os livros infantis *El Inventor de Viajes* (2014) e *La leyenda de las Mareas Mansas* (2015).

Em 2019, surpreendeu com *El Infinito en un Junco. La Invención de los Libros en el Mundo Antiguo*, um livro que desbrava a história do livro e a importância da leitura. Sempre em defesa do mundo clássico, é uma viagem, através dessa história, desde o berço do pensamento e do conhecimento. Publicado a 18 de setembro, rapidamente, se tornou num êxito de vendas e de tradução para outros idiomas (trinta até ao momento). Em Espanha, foi o livro mais lido durante o confinamento, tendo sido o êxito editorial do ano. Recebeu o “Prémio Nacional de Literatura” (espanhol) na modalidade ensaio e o “El Ojo Crítico de Narrativa”, para além de ter merecido elogios de Alberto Manguel e Mario Vargas Llosa. Segundo vários jornais espanhóis, foi considerado um dos melhores livros do ano.



(<http://bit.ly/3rPQMsk>)



Irene Vallejo, aquando da entrega do Prémio El Ojo Crítico, em Madrid
(<https://bit.ly/3rPdKQm>)

Em entrevista dada ao *La Vanguardia*⁷, em 31 de maio, a autora ressalta que o seu sonho é que o livro sussurre a sua história ao ouvido dos leitores. É esse também o nosso desafio. A fim de lançar algumas sementes de curiosidade, transcrevemos alguns excertos da tradução portuguesa (surgida em outubro de 2020, para nosso gáudio):

“Com cada livro volto ao ponto de partida e ao coração agitado de todas as primeiras vezes. Escrever é tentar descobrir o que escreveríamos se escrevêssemos, assim o expressa Marguerite Duras, passando do infinitivo para o condicional e depois para o conjuntivo, como se sentisse o chão a quebrar-se sobre os seus pés.”⁸

“O livro superou a prova do tempo, demonstrou ser um corredor de longas distâncias. Sempre que acordámos do sonho das nossas revoluções ou do pesadelo das nossas catástrofes humanas, o livro continuava ali. Como diz Umberto Eco, pertence à mesma categoria do que a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Depois de inventados, não se pode fazer nada melhor.”⁹

“O junco de papiro afunda as suas raízes nas águas do Nilo. O caule tem a grossura do braço de um homem e tem entre três e seis metros de altura. Com as suas fibras flexíveis, as pessoas humildes fabricavam cordas, esteiras, sandálias e cestas. Os antigos relatos recordam-no: a cestinha onde a sua mãe abandonou o pequeno Moisés era feita de papiro, besuntado com pez e alcatrão. No terceiro milénio a. C. os egípcios descobriram que podiam fabricar folhas para a escrita com aqueles juncos, e no primeiro milénio já tinham estendido a sua descoberta aos povos do Próximo-Oriente. Durante séculos, os hebreus, os gregos e depois os romanos escreveram a sua literatura em rolos de papiro. À medida que as sociedades mediterrânicas se alfabetizavam e se tornavam mais complexas, precisavam cada vez mais de papiro, e os preços subiam no calor da procura. A planta era muito escassa fora do Egito e, como o coltan dos nossos *smartphones*, converteu-se num bem estratégico.”¹⁰

“Esta história começa nos canais de um rio que parece um espelho sob o sol, em latitudes orientais quase despidas de arvoredo, (...)

Num lugar assim cresciam, erguidos como ciprestes, os caules das canas orientais (*Arundo donax*). O nome desta espécie contém uma raiz semítica muito antiga (na língua assírio-

⁷ <https://www.lavanguardia.com/magazine/personalidades/20200531/481290850108/irene-vallejo-infinito-junco-sherezade-libros-ensayo-superventas.html>

⁸ Vallejo, I. (2020), *O Infinito num Junco. A Invenção do Livro na Antiguidade e o Nascer da Sede de Leitura*, Lisboa, 15.

⁹ Vallejo 2020: 18

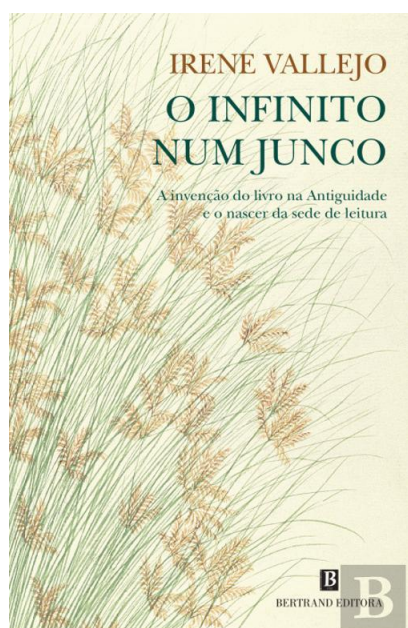
¹⁰ Vallejo 2020: 43.

abilónica, *qanu*; em hebreu, *qaneh*; e em aramaico, *qanja*). Dessa raiz estrangeira vem o grego *kanón*, que significava literalmente «reto como uma cana».

O que era um cânone? Uma vara de medir. Os pedreiros e os construtores antigos davam esse nome a ripas de madeira que serviam para traçar linhas retas e fixar com precisão tamanhos, proporções e escalas. (...)

A nossa humilde cana chegou, através de Aristóteles, ao afastado terreno da ética. (...)

As listas dos melhores escritores e das melhores obras nunca se chamaram cânones no tempo dos gregos e dos romanos. Como é que chegámos ao nosso controverso conceito de «cânone literário?»¹¹



Enfim, um livro sobre a história dos livros, no qual se entrelaçam, como se de uma tapeçaria se tratasse, inúmeros autores, livros e acontecimentos de mais de 30 séculos. No entanto, não deixa de ser uma viagem pessoal de Irene Vallejo na literatura e na vida. E dessa sua resistência e esperança na vida, nos fala numa outra entrevista¹² dada a *El País*, a 27 de dezembro, na qual fala da sua dor de alma em contraste com o prazer que sentia ao sentar-se para escrever. À deriva entre duas duras situações na família (doença e falecimento do pai, e doença do filho), não permitiu à corrente das águas da amargura que a levasse e manteve-se à tona, tendo-nos proporcionado conhecer o seu reduto – *O Infinito num Junco*.

Nota: Em https://youtu.be/TybyKaLS-DU?list=PLeEzCJHXCIx36JuJ8H_AtWAKHqKI286VZ, é possível ouvir Irene Vallejo a ler um excerto do livro.

¹¹ Vallejo 2020: 374.

¹² https://elpais.com/elpais/2020/12/23/eps/1608744016_330015.html?fbclid=IwAR32m8LzHR9LEPMabc3N2BHm-pKrLpbnwez_TIMDeNCX4ewDfEy5YI_1EKk

OUTRAS LEITURAS A NÃO PERDER

Madeline Miller (2020), *Circe*, Lisboa: Minotauro



- Releitura da mitologia clássica

«Quando nasci, o nome para o que eu era não existia. Chamaram-me ninfa, supondo que eu seria como a minha mãe, as minhas tias e milhares de primas. Sendo as menores das deusas menores, os nossos poderes eram tão modestos que mal conseguíamos assegurar as nossas eternidades. (...) A minha mãe era uma delas, uma náiade, guardiã das fontes e dos riachos. Atraíra a atenção do meu pai quando ele fora visitar a residência do próprio pai, Oceano. Hélio e Oceano comiam muitas vezes juntos, nesses tempos.»

Assim começa a história de Circe, menina estranha, capaz de aterrorizar os próprios deuses, inclusive Zeus, que decide desterrá-la para uma ilha deserta. Aí, em Ea, local ideal para desenvolver e aperfeiçoar as suas feitiçarias, é ponto de encontro com figuras famosas da mitologia grega, entre elas Dédalo e Ícaro, Medeia, Minotauro e Ulisses.

Tem feito parte do Top dos livros mais vendidos em 2020, em vários países.

Zé Nuno Fraga (2019), *Ecclesiazusae, de Aristófanes - A Assembleia das Mulheres*, Lisboa: A Seita

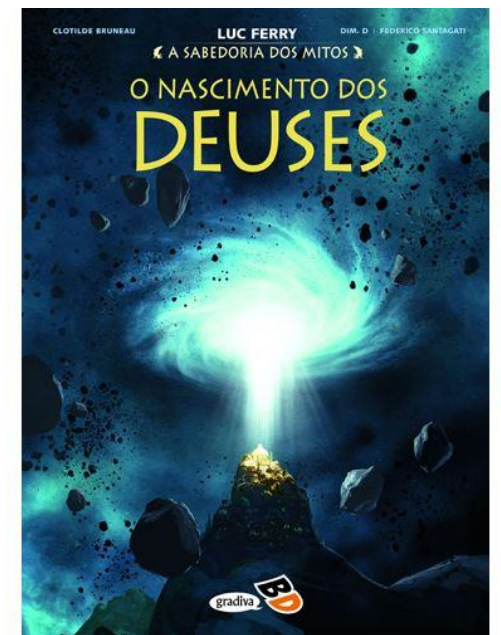


- Livro de Banda Desenhada
- Prémio Revelação Amadora BD 2020

Fraga adapta uma das comédias antigas gregas de Aristófanes (447 a.C. - 385 a.C.), num misto de comicidade de linguagem verbal e não verbal. O seu interesse pelo dramaturgo clássico deve-se ao impacto societal que os textos aristofânicos teriam no seu tempo, semelhante ao dos *Media* no séc. XXI.

Capazes de se revoltarem contra os homens, as mulheres atenienses tomam as rédeas do poder e 'trazem a nu' a ridicularização da política da sua cidade. Sátira moral e política denuncia também através do cómico os costumes de uma cidade tida como exemplo.

Temática muito interessante para explorar num debate, por exemplo, em Cidadania e Desenvolvimento.



- Mitologia grega em Banda Desenhada. Para todas as idades.
- Sugestão de Ler+ PNL 20-27

«NO INÍCIO, ERA O CAOS.»

Na prancha inicial, três vinhetas, espalhadas ao redor da espiral mesclada de tons castanhos, conduzem o leitor ao caos anunciado. Desta forma, prepara-se o surgimento de Geia e, de seguida, de Urano. Divulgada a união de ambos como uma dupla perfeita, é apresentada a descendência - os Titãs, os três primeiros Ciclopes e os Hecatonquiros - que será encerrada no ventre da mãe.

Aliando a qualidade da imagem ao texto, este livro conta o nascimento dos deuses da mitologia grega de forma dinâmica e entusiasmante.

Nas páginas finais, surge uma secção intitulada “A Filosofia Grega como Secularização da Mitologia”, na qual Ferry explora conceitos e mostra representações da temática.

PARTILHAS

Marcos Helena, um dos Associados da APLG, professor no Colégio de S. Tomás (Lisboa), fez-nos chegar novidades sobre o seu trabalho de arauto e dinamizador de atividades em prol dos Estudos Clássicos. Nessa divulgação, apoiada pela publicação no blogue da instituição, apresentou os seguintes artigos:

1. "No princípio era... a peste" - uma análise literária (mas também política) sobre a pestilência descrita nos primeiros versos da *Ilíada*. Consultável em <http://bit.ly/3b8eFFK>
2. Tradução de artigos sobre Latim, pedagogia do Latim e Literatura Latina escritos pelo professor italiano Giovanni Fighera
 - a. **"Primum" a realidade: a viagem pelo Latim de que não estavas à espera.** Consultável em <http://bit.ly/2LmEirb>
 - b. **Interesse, um amor comunicado: assim nasce o estudo.** Consultável em <https://bit.ly/358XcJv>
3. Criação de aulas de introdução ao Grego Antigo, num projeto que designou como “Caixa de Pandora”. Consultável em <http://bit.ly/3b8wlv9>

TESTEMUNHOS

Attendite et videte

Lingua Latina quae numquam obliuione delebitur!

Salue, sapientes lectores, uobis gratias! Saúdo todos quantos leem este meu humilde texto e começo por me apresentar. O meu nome é José Carlos Mendes, tenho 17 anos e, embora ciente do presente, interesse-me pelo passado para que possa ter consciência do que o futuro me poderá reservar. Sendo assim, e motivado por duas excelentes professoras, fui convidado a escrever um pequeno texto acerca do meu gosto pelas cultura e línguas e clássicas, nomeadamente a latina.

Ab initio do meu 9º ano, quando comecei a estudar *Os Lusíadas*, a professora Célia Mafalda Oliveira teve a gentileza de dar a conhecer à minha turma a cultura latina, sobretudo os seus deuses e outros mitos que nos ajudassem a melhor compreender a obra que estávamos a trabalhar. A partir daquele momento, nasceu, então, um laço de alguns gostos semelhantes. Ao longo desse ano, como jovem interessado, via documentários e lia livros que cada vez mais despertavam em mim o gosto pela sonoridade e, de certa forma, o quanto erudito era saber latim. Faz-me feliz perceber o significado de expressões, de nomes de empresas ou até de obras interpretadas na banda da qual faço parte (*exempli gratia*: «Pélago»), podendo fazer comparações e entender o porquê de ter um nome que é mais do que isso, é um nome com significado. Também um pouco ligado à Igreja Católica, gostava sempre de saber o simbolismo de certas palavras, o significado de certas expressões e orações. Portanto, no meu dia-a-dia, o latim acompanhava-me sempre para onde quer que fosse, inclusive, esta passou a ser a minha forma de cumprimentar a professora Célia: *Salue, Magistra!*

Chegado ao Secundário, qual não foi o meu espanto, quando a minha professora de Português, a professora Fátima Lopes, me revelou que fazia também parte da APLG. Quase todos os dias tinha perguntas a fazer-lhe acerca do significado de frases latinas e da forma como pronunciá-las corretamente na língua de Virgílio.

Nos dias de hoje, faço-me sempre acompanhar de expressões latinas. É com elas que interpreto melhor o significado de palavras em Português e é com elas que quero simbolizar os momentos no meu dia-a-dia, tendo, inclusivamente, uma como lema da minha biblioteca pessoal.

Deixo aqui o meu testemunho sincero, convicto de que ainda há quem se interesse pela cultura e línguas clássicas, não se cansando de, continuamente, procurar o saber. E comprometo-me a sempre mostrar aos outros que, apesar de a língua não ser falada correntemente, é de uma beleza e importância extremas.

Termino com uma das expressões latinas que me acompanhará para o resto da minha vida: *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria*¹³.

Omnibus

José Carlos Mendes *discipuli*

¹³ A este propósito, consulte-se <https://delingualatina.blogs.sapo.pt/sobre-a-utilidade-daquilo-que-fazemos-21827> (Blogue *A Cultura e as Linguas Clássicas*, da autoria de Isaltina Martins).

Calendário Eleitoral

— Assembleia Geral Eleitoral: 30 de janeiro de 2021.

Envio das listas concorrentes, para a Direção, até 17 de janeiro de 2021.

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Para dar cumprimento ao disposto no n.º 2 do Art.10.º e no n.º 3 do Art.11.º dos Estatutos, convocam-se todos os Associados para uma Assembleia Geral Ordinária a ter lugar no dia 30 de janeiro de 2021, pelas 10.00 horas, na Escola Secundária Infanta D. Maria, com a seguinte ordem de trabalhos:

Discussão e Aprovação do Relatório e Contas referentes ao ano de 2020.

Nota: De acordo com o n.º 4 do Art. 11º dos Estatutos, se à hora designada não estiverem presentes mais de metade dos Associados, a Assembleia iniciar-se-á 30 minutos depois com qualquer número.

Coimbra, 4 de janeiro de 2021

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Isaltina das Dores Figueiredo Martins

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

De acordo com o disposto no Art. 20º dos Estatutos, convocam-se todos os Associados para uma Assembleia Geral Eleitoral a ter lugar na Escola Secundária Infanta D. Maria, no dia 30 de janeiro de 2021, a fim de eleger os Corpos Sociais para o biénio 2021-2022.

A Mesa Eleitoral estará aberta entre as 10 e as 13.00 horas.

Imediatamente após o encerramento e contagem dos votos, realizar-se-á a tomada de posse dos Corpos Sociais eleitos.

Coimbra, 4 de janeiro de 2021

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Isaltina das Dores Figueiredo Martins

Nota Bene:

A Direção da APLG não concorda com o AO90, mas passou a usá-lo por ser obrigatório pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011, pp. 488-489, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 17, de 25 de janeiro de 2011, que determinou a introdução da nova ortografia no sistema educativo português, no ano letivo de 2011-2012. No entanto, respeita, plenamente, quem não o usa.

Agradecendo a vossa compreensão para a decisão tomada, a APLG continuará a pugnar pela abolição do AO90 e respeito pelas raízes linguísticas e culturais da Língua Portuguesa.